

PAISAGEM
ANCESTRAL
RECINTOS
CERIMONIAIS
TERRAS DO GUADIANA

PERDIGÕES



18

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

MAR 2025

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ISSN: 2183-0924

ERA
ARQUEOLOGIA

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

18

MARÇO

2025

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Março de 2025**

Volume: **18**

Capa: Circuito de recintos de fossos Paisagens Ancestrais

Recintos Cerimoniais de Terras do Guadiana

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

geral@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



ÍNDICE

EDITORIAL	07
-----------------	----

António Carlos Valera, Tiago do Pereiro MONTE DA LAJE E SÃO BRÁS 3. INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE RECINTOS DE FOSSOS EM SERPA (BEJA)	09
--	----

António Carlos Valera, Tiago do Pereiro CRONOLOGIA, ESPACIALIDADE E COMPLEXIDADE ARQUITECTÓNICA DOS RECINTOS DE FOSSOS NEOLÍTICOS ALENTEJANOS: UMA REVISÃO A PRETEXTO DO RECINTO DE TRIGO	23
---	----

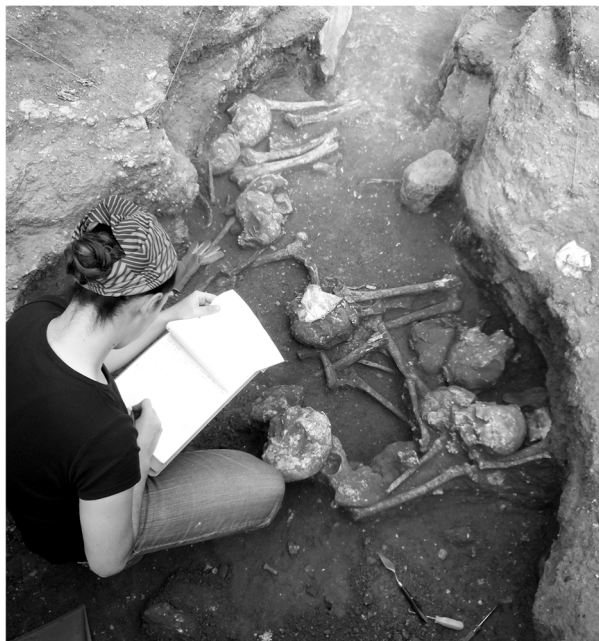
Camila Lacueva, Cláudia Maio, Sofia Nogueira, Lucy Evangelista, Tiago Nunes NOTÍCIA DA DESCOBERTA DA NECRÓPOLE DA VILLA ROMANA DE NOSSA SENHORA DE TOUREGA ...	43
---	----

Ana Rita, Carlos Jorge, Paula Pereira, José Carvalho, Cláudia Maio, Lucy Evangelista ENTRE USOS E ABANDONOS: REVISÃO DOS CONTEXTOS DA RUA DE SANTA MARIA E TRAVESSA DOS APÓSTOLOS, SETÚBAL	53
--	----

Sérgio Amorim, José Carvalho, Carlos Jorge A DISPOSIÇÃO DA MURALHA FERNANDINA ENTRE O LARGO DOS LÓIOS E A RUA DA MADEIRA. RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA REALIZADA ENTRE 2021 E 2023	61
---	----

Francisco Raimundo, José Carvalho, Rui Pinheiro THE REBELLO HOTEL (VILA NOVA DE GAIA) – CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA PARA A HISTÓRIA DE UM SÍTIO	69
--	----

José Carvalho O HORREUM DO CASTELO DE GAIA. NOVOS APONTAMENTOS SOBRE O ABASTECIMENTO MILITAR ROMANO NO CÂMBIO DA ERA	81
---	----



EDITORIAL

A Antropologia Biológica desempenha um papel fundamental na compreensão das populações do passado, permitindo-nos reconstruir aspetos essenciais da sua vida, saúde, mobilidade e interações sociais. No contexto da arqueologia, a análise dos vestígios humanos revela dinâmicas bioculturais que enriquecem a narrativa histórica e contribuem para uma visão mais completa das sociedades antigas. A interseção entre os métodos tradicionais e as novas abordagens científicas – da paleopatologia à genética antiga – tem ampliado significativamente o nosso conhecimento, tornando esta disciplina indispensável para o estudo do património arqueológico.

Na ERA Arqueologia, a Antropologia Biológica assume um papel central na investigação e valorização dos contextos funerários, destacando-se na análise dos testemunhos ósseos que emergem das intervenções arqueológicas. O compromisso com metodologias rigorosas e interdisciplinares permite-nos abordar questões sobre identidade, práticas rituais e impacto ambiental nas comunidades do passado. A colaboração com outras áreas, como a arqueotanatologia e a bioarqueologia molecular, reforça a capacidade de responder a questões cada vez mais complexas e de aproximar a ciência dos contextos patrimoniais.

Neste âmbito, a Antropologia Biológica continua a ser uma ferramenta essencial para interpretar os vestígios humanos e integrá-los nas narrativas arqueológicas mais amplas. A integração de novas tecnologias, a importância da salvaguarda do património osteológico e a necessidade de um olhar ético e contextualizado sobre os vestígios humanos são algumas das questões centrais que merecem ser debatidas.

Assim, a constante evolução desta disciplina exige um diálogo contínuo entre investigadores, promovendo abordagens cada vez mais integradas e multidisciplinares. Ao articular conhecimento científico com a valorização patrimonial, a Antropologia Biológica não só enriquece a compreensão das populações do passado, como também contribui para uma reflexão mais ampla sobre a nossa própria história e identidade.

Lucy Shaw Evangelista

O HORREUM DO CASTELO DE GAIA. NOVOS APONTAMENTOS SOBRE O ABASTECIMENTO MILITAR ROMANO NO CÂMBIO DA ERA.

José Carvalho¹

Resumo:

Tendo como base a escavação arqueológica realizada pela ERA-Arqueologia, S.A., entre 2016-2018, no sítio do Rei Ramiro (Castelo de Gaia), onde foi possível identificar e caracterizar um edifício do tipo *horreum* de fundação augustana, pretende-se no presente trabalho, com base no estudo recente do material anfórico proveniente da escavação já mencionada, realizar uma revisão sobre o estado da arte, bem como uma contextualização histórica, cronológica e espacial de um dos mais importantes edifícios de cronologia romana identificados na região do Porto, bem como no Noroeste Peninsular.

Abstract:

The *Horreum* of Gaia Castle. New notes on Roman military supply in the change of Era.

Based on the archaeological excavation carried out by ERA-Arqueologia, S.A., between 2016-2018, at the Rei Ramiro site (Castelo de Gaia), where it was possible to identify and characterize a *horreum*-type building of Augustan foundation, the present work aims, based on the recent study of the amphoraic material, to carry out a review of the state of the art, a historical, chronological and spatial contextualization of one of the most important buildings of Roman chronology identified in the Porto region, as well as in the Northwest Peninsula.

1. Enquadramento

As estruturas do tipo celeiro com paredes paralelas para sustentação de um estrado elevado de madeira ou pedra já eram conhecidos na Península Ibérica desde o período da Idade do Ferro, como são os casos do Sabor (Castelinho e Quinta de Crestelos), bem como os de Moleta del Remei de Alcanar, Torre de Foios, em Lucena (Castellón), Alorna Park o Toixoneres, em Calafell (Barcelona), Hoya de Huguet em Pina de Montalgrao (Castellón), El Monastil em Elda (Alicante), Balaguera em Puebla de Tornesa (Castellón) e em Amarejo de Bonete, Albacete (Cardoso, 2018: 96).

Foi durante o período romano que se vulgarizou este tipo de edifício de armazenamento de cereais sendo utilizados em acampamentos militares, de que temos excelentes exemplos em Inglaterra: fortaleza de Inchtuthil, datado de 83-86/87 d. C., e no forte auxiliar de Fendoch, datado de 82-86 d. C. (Cardoso, 2018: 97).

Neste âmbito, tendo como base a escavação arqueológica realizada pela ERA-Arqueologia, S.A., entre 2016-2018, no sítio do Rei Ramiro (Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia), onde foi possível identificar e caracterizar um edifício do tipo *horreum* de fundação augustana associado a atividades comerciais a nível local/regional e de abastecimento militar (Silva, 2021), pretende-se no presente trabalho, com base no estudo recente do material anfórico proveniente da escavação já mencionada (Carvalho, 2023), realizar uma revisão sobre as problemáticas associadas a este edifício, designadamente da sua cronologia, do seu enquadramento espacial (na importante Rota Atlântica), da sua hipotética relação com os acampamentos localizados no Noroeste Peninsular, bem como nos limes germânicos (ou setentrionais) e, por fim, com o novo modelo de abastecimento militar institucionalizado por Roma a partir do reinado de Augusto.

¹ ERA, Arqueologia, S.A - josecarvalho@era-arqueologia.pt



Figura 1 – Localização do sítio do rei Ramiro no Monte do Castelo de Gaia (CMP, folha 122 e em ortofotomapa).

2. O *horreum* do Castelo de Gaia: breve descrição

O edifício é composto por um único volume, com o embasamento construído em alvenaria de pedra, sem evidências que possam indicar mais de uma fase construtiva ou remodelações posteriores à sua génese. Durante o período em que o edifício se encontrava funcional ou pouco depois do seu abandono, a fachada este – virada ao rio – foi obliterada por uma derrocada, pelo que, como já foi referido em anteriores publicações, não foi possível identificar qualquer indício da mesma (Ramos, 2020: 1306; Ramos, Carvalho, 2019: 18).

O eixo maior, com orientação norte-sul, apresenta um comprimento de pelo menos 33,20 metros. Apesar do edifício se encontrar truncado o que não possibilitou identificar indícios da fachada este, pressupõe-se que teria a mesma espessura da fachada oeste (cerca de 80 centímetros) e tendo em consideração a dimensão de um dos muros internos (com 7,60 metros de comprimento), o edifício teria pelo menos 9,20 metros de largura o que corresponde uma área de implantação de 305,44 metros quadrados (Ramos, 2020: 1306; Ramos, Carvalho, 2019:19).

Considerando estas medidas, cada compartimento teria pelo menos uma área de 37,24 metros quadrados, o que corresponde a uma área útil total de 223,44 metros quadrados (Ramos, 2020: 1306), dimensões pouco usuais e que a incluem entre as maiores da Hispânia (Silva, 2021: 588). Salido Domínguez (2011: 137), tem vindo a apontar o *horrea* da *villa* da Freiria, em Cascais, como o maior da península, no entanto, este edifício teve duas fases construtivas (Cardoso, 2018: 90-102) com uma área coberta 86,5m² na sua fase mais antiga.

Os dados recolhidos no decurso da escavação levam também a considerar que o embasamento pétreo posto em evidência

constituiria a base de um edifício parcialmente construído em madeira ou em argila, materiais que permitiam levantar estruturas de maneira rápida e eficiente ao mesmo tempo que garantiam um bom isolamento dos elementos (Salido Domínguez, 2015, Ramos, 2020: 1308).

Por outro lado, a investigação recente (Salido Domínguez, 2020) tem, aliás, demonstrado sobre estas estruturas de armazenamento de bens alimentares a sua instalação em castros fundamentais para a gestão romana dos recursos cerealíferos regionais e as suas congéneres implementadas em ambientes portuários e urbanos podendo ser admissível a participação militar na sua construção, pois o *horreum*, para além do tabuado, tem uma orientação canónica e segue em termos construtivos os conselhos dos agrónomos quanto à insolação e as recomendações de Vitruvius quanto ao afastamento das áreas habitadas para evitar riscos de incêndios (Silva, 2021: 587).

Os dados carpológicos já analisados (Seabra *et al.*, 2022: 278) para o *horreum* do Castelo de Gaia não oferecem uma resposta inequívoca, porque os depósitos associados a esta estrutura revelaram poucos carporrestos (cerca 200 pequenos fragmentos de cereais), no entanto, a presença de vários grãos de cereal, nomeadamente o trigo nu, o milho-miúdo, o milho-painço e a cevada indiciam o armazenamento de cereais. Estes cultivos também estavam presentes, inclusive em maiores quantidades, em contextos da Idade do Ferro do sítio do Rei Ramiro, testemunhando alguma continuidade ao nível do consumo de cereais.



Figura 2 – Perspetiva geral do edifício (reproduzido de Ramos e Carvalho, 2019: 18).

3. Os materiais recolhidos e dados cronológicos

O material arqueológico associado aos depósitos coetâneos com a construção e uso do *horreum* é muito residual, sendo composto maioritariamente por cerâmica de tradição indígena e material anfórico.

No interior do edifício recolheram-se fragmentos de ânforas Dressel 1 (produzidas na área gaditana), fragmentos de Ovoides Lusitanas, fragmentos de ânforas itálicas (produzidas na costa tirrénica) e fragmentos de ânforas produzidas no Morraçal da Ajuda (Peniche 1 e Peniche indeterminado).

Na pequena lareira enquadrável temporalmente na fase de construção ou utilização do grande edifício obtiveram-se fragmentos de ânforas produzidas na Ulterior/Bética meridional costeira e no Vale do Guadalquivir, como são os casos da forma Haltern 70 ou Ovoide 4, a Dressel 1 e um fragmento de produção lusitana.

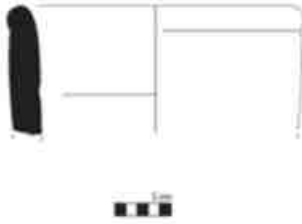


Figura 3 – Bordo de uma ânfora do tipo Peniche 1.

O espólio anfórico mais antigo presente no interior do *horreum* encontra-se descontextualizado do ponto de vista estratigráfico, pois para além de residual, foi certamente reutilizado no caso da estrutura de combustão existente no interior do edifício, visto que em depósitos imediatamente anteriores à sua construção identificaram-se fragmentos lusitanos produzidos em Peniche (ou Morraçal da Ajuda), bem como um fragmento de ânfora do tipo Urceus (de produção bética) o que nos leva a enquadrar a construção deste complexo, ao contrário do que se encontra mencionado na bibliografia disponível sobre o sítio (Ramos, Carvalho, 2019; Ramos, Carvalho, 2020; Ramos 2020; Silva, 2021), numa fase sempre posterior a 16 a.C. (Carvalho, 2023: 85).

Neste quadro, convém realçar que os fabricos das ânforas mais antigas presentes na fase construtiva do edifício, prolongam-se até finais do séc. I a.C./inícios do séc. I d.C., como é o caso da Dressel 1 Itálica (Morillo e Morais, 2020; Carvalho, 2023, vo1, p.85).

No que se refere ao abandono da estrutura, de acordo com o espólio exumado, propomos que tenha acontecido aproximadamente no final do 1.º quartel do séc. I d.C., no principado de Tibério, e é corroborado pelo material anfórico recuperado, bem como pelos fragmentos de cerâmica fina igualmente recolhidos: (1) terra *sigillata* itálica, forma 22, taça tipo 22.1 (15 a.C. a 15 d.C.); (2) terra *sigillata* itálica, forma 12, prato tipo 12.3 (15 a.C. a 20 d.C.); (3) um fragmento *sigillata* sud-gálica, tijela, período primitivo, cuja datação no atual território português não deverá ultrapassar a data de 25 d.C.; (4) fragmentos de cerâmica com engobe vermelho pompeiano.

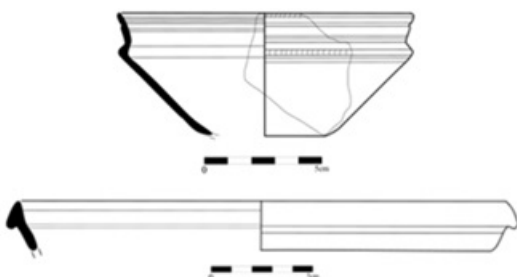


Figura 4 – *Sigillata* itálica - taça e prato - identificada nos níveis de abandono do *horreum*.

Com base no intervalo de tempo relativo à sua construção e abandono, o *horreum* do Castelo de Gaia terá funcionado já numa fase posterior à última campanha de pacificação da Hispânia, empreendida por Augusto contra Cântabros e Ástures.

Convém referenciar que o único testemunho epigráfico associado à presença de militares no Monte do Castelo de Gaia é atestado pela existência de um cipo funerário identificado a 100 metros do sítio, nas Escadas da Boa Passagem, de L. Lavius Tuscus, natural de Olisipo, militar da X Gemina, uma das legiões que Augusto deslocou para a Hispânia no decurso da campanha Cantábrica e que foi datado precisamente entre Augusto e Tibério por Vasco Mantas (Mantas, 2013; Ramos, 2020: 1308).

Apesar da sua datação ser posterior ao que já tinha sido publicado (Carvalho, Ramos, 2019; Ramos, 2020; Silva, 2021; Morillo, Morais, 2020), trata-se de um achado extraordinário pelo facto de constituir um importante elemento de discussão no que se refere à sua contextualização e funcionalidade em Época Romana.

4. O espólio anfórico e a sua relação com os acampamentos no Noroeste Peninsular e dos limes germânicos ou setentrionais

A amostra alto-imperial do sítio do Rei Ramiro revela o predomínio das ânforas da Bética, designadamente do Vale do Guadalquivir (Carvalho, 2023). Esta representatividade revela um importante incremento na importação de artigos alimentares daquela região produtora para o Monte do Castelo de Gaia relativamente à fase republicana, cujo arranque se terá feito sentir com particular expressividade em torno dos meados do séc. I a.C., como já se mencionou.

O predomínio da região produtora do Vale do Guadalquivir, como se tem verificado em praticamente todos os castros costeiros e estabelecimentos interiores do Noroeste Peninsular, está relacionada com a presença muito significativa das Haltern 70 (Morais, Carreras, 2004).

Por sua vez, se analisarmos especificamente os contextos de associados aos acampamentos romanos das Legiões VI Vitrix e VII Gemina (Morillo, Morais, 2020: 94) ou tardo-augustanos de León (mudança da Era - 15 d.C.), coincidente com a cronologia do *horreum* do sítio do Rei Ramiro, continuamos a verificar que a Bética continua a ser a área produtora preferencial, propiciando o abastecimento de 50% dos produtos (vinho, azeite e preparados de peixe). Aqui deve-se salientar os vinhos do Mediterrâneo Oriental pela sua boa representatividade (20%), seguidos dos Itálicos (11,6%), da Gália (5%), da Lusitânia e da Tarraconense (5%). Com isto, os produtos importados ascendem a 95% do total dos contentores anfóricos inseridos nesta fase cronoestratigráfica de León (Morillo, Morais, 2020: 101).

Ao realizarmos uma comparação com o registo do *horreum* do Rei Ramiro, evidenciamos algumas semelhanças com as ânforas de León, pois nas suas fases de utilização e abandono (Fase VII e Fase VIII), continuamos a verificar o

predomínio dos contentores béticos, designadamente de várias formas que se comercializavam em período augustano (T-7.4.3.3., Dressel 7-11, Haltern 70, Ovoide 1, Dressel 1 Ulterior, a Dressel 12, entre outros), estando também representados contentores da província de origem, neste caso da Lusitânia (Peniche 1 e Ovoide Lusitana).

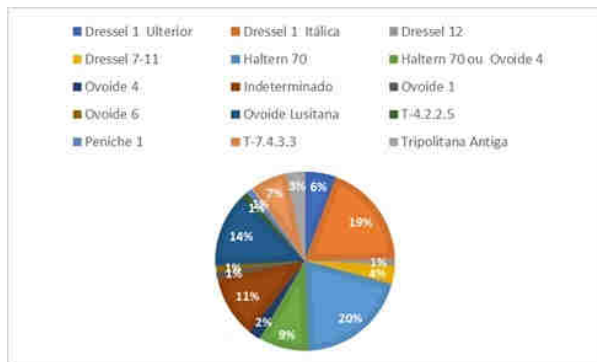


Gráfico 1 – Material anfórico recolhido nos níveis estratigráficos do horreum (fase VIII).

Em momentos augustanos, mas anterior à construção do horreum do Castelo de Gaia não podemos de deixar de fazer referência à presença da ânfora tipo *Urceus*, um contentor que apresentava uma tipologia diferenciada da ânfora clássica proporcionando um melhor acondicionamento no interior dos barcos.

Ao contrário de León e dos acampamentos mais localizados nas fronteiras setentrionais, as fases relacionadas com a construção, ocupação e abandono do horreum de Gaia não apresenta contentores provenientes da Gália e da Tarraconense o que, segundo o nosso entendimento, pode ser explicado pela localização geográfica e também pela própria função do edifício.

Há também a registar, ao contrário de León e dos acampamentos mais setentrionais, neste período tardo-augustano a reduzida presença de contentores especificamente associados ao transporte de azeite, embora existam alguns fragmentos de Tripolitana Antiga (norte-africana) e de ânforas Ovoide 6 da Ulterior/Bética, mas muito possivelmente descontextualizadas estratigraficamente tendo em consideração as suas especificidades cronológicas tardo-republicanas, embora a investigação recente (Filipe, 2018) tem vindo a demonstrar que os limites das respetivas produções enquadram-se já no reinado de Augusto. O mesmo se pode dizer da Dressel 1 itálica (costa tirrénica) que se encontra representada em níveis de uso e abandono do horreum de Gaia e cujo período de circulação termina precisamente nas últimas décadas do séc. I a.C. ou primeiros anos do séc. I d.C. o que coincide com a datação do edifício identificado no sítio do Rei Ramiro.

Por outro lado, se compararmos para esta fase tardo-augustana, os acampamentos setentrionais renano-réticos, como Oberaden, Anreppen, Haltern, Nimega, Neuss, entre outros, com os acampamentos de León e o horreum de Gaia,

verificamos algumas semelhanças, bem como algumas diferenças. Em todos eles as importações Béticas encontram-se sempre acima dos 60% o que os coloca estas três áreas geográficas em clara relação com o novo modelo de abastecimento militar em que esta província tem um papel vital no abastecimento. Aqui os produtos piscícolas estão representados principalmente pelas ânforas Dressel 7-11 e, em menor medida, pela Dressel 12 e T-7.4.3.3. e são complementados com importações oriundas da Lusitânia.



Figura 5 – Fragmentos de ânforas béticas identificadas nos níveis de abandono do horreum (1 – Dressel 7-11; 2 – Haltern 70; 3 – Dressel 12).

A maior diferença entre os acampamentos augustanos do limes renano-réticos e León, encontra-se na quantidade de contentores utilizados para o transporte de vinho bético, pois nestes estabelecimentos militares são os envases de azeite e preparados piscícolas que predominam e não o vinho e seus derivados (Morillo, Morais, 2020: 103).

No entanto, as diversidades morfológicas mantêm-se, estando representados nestes acampamentos, como habitual, os contentores da Bética, designadamente da Haltern 70, tipo *Urceus* e Dressel 2-4, mas também de vinhos itálicos da costa tirrénica (Dressel 1b e Dressel 2-4), bem como orientais (Tardo-Ródias, Pseudo-Koan, Dressel 5 e ânforas de Quíos e Cnidos) e a larga distância as ânforas da Tarraconense.

No que se refere ao azeite, conforme referido por Morillo e Morais (2020: 103), também a Bética e o vale do Guadalquivir, cobrem de forma quase exclusiva as necessidades do exército estacionado na *Germania* e *Raetia*, constituindo as formas Oberaden 83 e Haltern 71 as mais representadas.

5. Interpretações e considerações finais

Como referimos o horreum do Castelo de Gaia teria muito provavelmente sido construído para o abastecimento dos exércitos numa fase posterior às Guerras Cântabras e para o abastecimento das populações, coincidindo com o florescimento em época de Augusto dos povoados urbanos a nascente do morro do Castelo de Gaia e na ribeira do Porto (Silva, 2021).

O início do principado de Augusto teve mudanças económicas importantes com alterações ao nível comercial e da colonização agrária que implicaram o desenvolvimento de outras rotas comerciais, a reorganização das comunidades, bem como a elevação de um número muito significativo de habitantes à cidadania itálica (Morillo e Morais, 2020, p.163).

Neste âmbito, o estado romano prestou atenção especial ao abastecimento militar das zonas fronteiriças militarizadas, como a *Tarraconensis* ocidental, criando um mecanismo muito complexo que podia variar conforme a importância e a posição geográfica das áreas a abastecer relativamente às regiões produtoras. Não há dúvida, também, que o abastecimento do exército se converteu numa componente fundamental para as produções peninsulares a partir do reinado de Augusto.

Assim, aparecem diferentes modelos de abastecimento, mas mantendo-se todas elas dentro das tendências gerais: os produtos piscícolas, oleícolas e vinários da Bética, entrando evidentemente neste esquema a comercialização de produtos das regiões envolventes que podiam assumir algum protagonismo, mas de forma menos rígida, como é o caso da Gália Meridional e Central que tiveram alguma preponderância para o abastecimento, por exemplo, dos acampamentos renanos. Dentro deste sistema anónimo circulavam outros bens, como as cerâmicas orientais que constituíam produtos de prestígio destinadas normalmente aos oficiais (Morillo, Morais, 2020: 163).

Dentro dos circuitos anónimos – onde com base nas ânforas analisadas podemos incluir o Monte do Castelo de Gaia - o novo papel atribuído por Augusto à província da Bética é herdeiro direto da experiência que o mesmo colocou em marcha durante as guerras cántabras, uma “*operação logística de grande magnitude*” (Morillo, Morais, 2020: 166).

Neste quadro, a experiência das guerras cántabras vai-se acentuar poucos anos mais tarde para o abastecimento das tropas estacionadas nos cenários germânicos e réticos destinadas funcionalmente a criarem um sistema fronteiriço, mas também nos recintos militares hispanos estáveis da fase da paz armada: León, Herrera de Pisuerga e Astorga.

Apesar de não existir material anfórico associado a essas operações das Guerras Cântabras, mas tendo em consideração que o *horreum* em análise localiza-se num importante enclave/lugar de penetração e de trocas comerciais da rota atlântica usada pela administração romana para abastecer os exércitos que se encontravam estacionado mais a Norte e que atacariam os Astures a partir do território galaico, pode-se tecer algumas hipóteses de como seria esse abastecimento com base na documentação arqueológica dos acampamentos estáveis associados, no entanto, já a um momento de pacificação militar.

Assim, pode-se supor que o abastecimento às legiões terá acontecido através de centros de abastecimento localizados na costa da Tarraconense onde se armazenavam os alimentos possivelmente oriundos de Itália e outras regiões; através do vale do Ebro por via fluvial e terrestre onde as cargas alcançariam os campos de batalha setentrionais; e, não menos importante, por via marítima, através da Rota Atlântica, mais acessível e barata, procedente de Cádiz, que funcionava de forma plena há vários séculos conforme os registos arqueológicos, e que segundo a investigação terá constituído a opção mais lógica (Morillo, Morais, 2022:167; Carvalho, 2023: 392).



Figura 6 – Rotas comerciais entre o Mediterrâneo e o Atlântico Norte (Fernández Ochoa, Morillo, 2003, apud Morillo e Morais, 2020: 162).



Figura 7 – Localização dos naufrágios que transportariam possivelmente cereais (Salido Domínguez, 2013, fig.1, apud Morillo e Morais, 2020, p.162). 1 – Sant Peter Port; 2. Beachy Head; 3 – Blackfriars, County Hall (Londres); 4 – Bermondsey (Londres); 5 – Barlands Fram (Magor, Gwent); 6 – Zwammerdan; 7 – Woerden; 8 - De Meem; 9 a 11 - Brujas; 12 e 13 – Nieuwpoort; 14 – Hondarriba; 15 – Cortegada; 16 – Cabo de Mar; 17 – Punta Udra; 18 - Esposende; 19 – Cortiçais (Peniche).

Esta rota que se desenvolvia ao largo de toda a costa atlântica portuguesa até ao canal da mancha era contemplada por outras rotas fluviais e terrestres a partir de fundeadouros naturais, como são os casos da Foz do Douro (Porto e Gaia, como já referido), pelo baixo curso dos Rios Minho e Cávado (local onde posteriormente se fundou mais tarde Bracara Augusta) e através das Rias Baixas Galegas. Com efeito, existiu igualmente uma rota terrestre que desde a Bética e Mérida percorria as Beiras e Trás-os-Montes (Morillo, Morais, 2022: 166).

A Rota Atlântica teve um papel determinante para a chegada de ânforas do tipo Haltern 70, Oberaden 83, Dressel 7-11 ou

as Dressel 2-4 itálicas, entre outros, confirmado inclusivamente com a descoberta de naufrágios, como é o caso de uma embarcação encontrada ao largo de Esposende cuja carga seria muito possivelmente cereais (Salido Domínguez, 2013).

Este padrão de circulação atlântico encontra-se bem evidenciado nos acampamentos de León e também nos acampamentos renano-réticos, bem como na primeira fase de Astorga, sendo também evidente no sítio do Rei Ramiro, cujos momentos construtivos e de utilização apresentam uma clara relação com o *horreum* de Gaia, fundamentalmente numerosos acampamentos militares fundados na mudança da ERA, facto que leva os investigadores a questionarem-se se este grande circuito não seria exclusivamente militar ou se a intensa circulação de produtos béticos tenha sido estimulada para suprimir as necessidades de abastecimento das tropas a partir de um momento coincidente com as guerras cântabras, momento em que intensifica o tráfico marítimo “estariamos perante um salto de escala provocado pela presença de numerosas tropas destacadas no norte peninsular e a necessidade de as abastecer” (Morillo, Morais, 2020: 169).

A rota, uma vez estabelecida, alcançaria assentamentos civis, configurando, tal como referido por Rui Morais (2007b: 267-280), um modelo de abastecimento híbrido que se intensificaria desde finais do principado de Augusto com a ajuda de vias de comunicação desde a costa ao interior e as distintas capitais conventuais.

Bibliografia

- CARDOSO, G. (2018) - *Villa romana de Freiria. Estudo arqueológico*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais: 1-439.
- CARVALHO, J. (2023) - *As ânforas romanas do sítio do Rei Ramiro (Castelo de Gaia)*. Tese de Doutoramento em Estudos do Património, na especialidade de Arqueologia. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- FILIPPE, V. (2018) - *Olisipo, o grande porto da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Tese de doutoramento em História, na especialidade de arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MANTAS, V. G. (1996) - *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1996.
- MORAIS, R.; CARRERAS MONFORT, C. (2004) - *Geografía del consum de les Haltern 70, Culp VIII i les ànfores Haltern 70*. Monografies del Casc., 5. Girona, pp. 93-112.
- MORAIS, R. (2007) - *Ânforas da Quinta da Ivanta - um pequeno “Habitat” mineiro em Valongo*. *Conimbriga*, 46: 267-280.691.
- MORILLO, Á; MORAIS, R. (2020) - *Ânforas de los campamentos romanos de León. Um modelo de abastecimiento militar entre el período augusteo y finales del siglo I d.C.* Anexos de AEspA LXXXVIII. Archivo Español de Arqueología, Conselho Superior de Investigaciones científicas, Madrid.
- RAMOS, R.; CARVALHO, J. (2019) - *Relatório final da escavação arqueológica do sítio do Rei Ramiro, V.N. Gaia (2017-2018)*. ERA-Arqueologia, S.A., Lisboa.
- RAMOS, R.; CARVALHO, J. (2020) - *O sítio do Rei Ramiro: contributo para o conhecimento das ocupações antigas no Monte do Castelo (Vila Nova de Gaia)*. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 14: 67-81.
- RAMOS, R. (2020) - *Um Horreum Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)*. In ARNAUD, J. M., NEVES, C., MARTINS, A. (eds.) - *Arqueologia em Portugal/2020-Estado da Questão. Atas do III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses: 1305-1309.
- SALIDO DOMÍNGUEZ, J. (2011) - *Horrea Militaria. El aprovisionamiento de grano al ejército en el occidente del imperio romano*. *Anejos de Gladius*, 14. Madrid: CSIC.
- SALIDO DOMÍNGUEZ, J. (2015) - *Los Graneros Sobreelevados en la Hispania Romana: Materiales y Técnicas Constructivas*. *Arqueologia de la Arquitectura*, 12. Madrid/Vitória.
- SALIDO DOMÍNGUEZ, J. (2020) - *Um modelo de implantación de Roma en el Noroeste Peninsular: la construcción de Graneros sobreelevados en los castros*. In BERROCAL-RANGEL, L.; MEDEROS MARTÍN, A. (eds), *Docendo discimus. Homenaje a la profesora Carmén Fernández Ochoa (Anejos a CuPAUM, 4)*. Madrid: Universidade Autónoma de Madrid: 259-271.
- SEABRA, L.; CARVALHO, J.; TERESO, J.; RAMOS, R.; MARTÍN-SEIJO, M.; SILVA, R. (2023) - *Arqueobotânica com vista para o Douro: frutos e sementes do sítio do Rei Ramiro (Vila Nova de Gaia, Norte de Portugal)*. FERNANDES, I.; SANTOS, M.; CORREIA, M. (Coord.), *Atas Jornadas Internacionais “Amanhar a Terra, a arqueologia da agricultura (do neolítico ao período medieval)”*, Palmela: 267-282.
- SILVA, A.M. (2021) - *Cale e os Callaeci. Territórios e comunidades na foz do rio Douro entre a Proto-história e a romanidade*. Tese de doutoramento em Estudos Culturais: Memória, Identidade, Território e Linguaxe. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Vol. I, Vol. II, Vol. III, Policopiado.

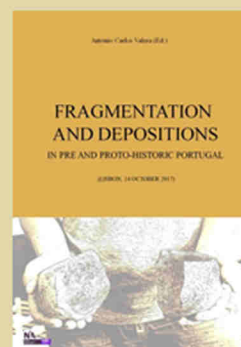
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Publicação de workshops



Série ERA Monográfica (2013 – 2025)

Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)

